

# **Apresentação:**

## **A pesquisa em Análise de Discurso na Região Sul**

**Luciana Iost Vinhas<sup>1</sup>**

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

**Janaina Cardoso Brum<sup>2</sup>**

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

**Cristina Zanella Rodrigues<sup>3</sup>**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Riograndense, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

Os artigos compilados nesta edição da Revista *Linguagem & Ensino* abordam diferentes temas sob a perspectiva teórica da Análise de Discurso. São trazidas pesquisas desenvolvidas em instituições de ensino superior localizadas na região sul do Brasil, através do trabalho de pesquisadores cujas reflexões têm como base teórico-analítica o dispositivo criado por Michel Pêcheux e por seu grupo de trabalho.

Um dos pontos considerados para a seleção de textos aqui proposta envolve a necessidade de a teoria sempre se colocar como questionadora das evidências e, portanto, não reprodutora de obviedades. Os estudos que constituem esta publicação materializam o cerne das inquietações sobre ideologia, inconsciente e língua presentes nas pesquisas em Análise de Discurso. As temáticas abrangem o cinismo, a voz, a política, a resistência e o ensino, além do próprio fazer científico do analista de discurso, o qual não se distancia de uma prática política.

Os textos aqui apresentados abordam todos esses temas tendo como condições de produção o maior conflito ideológico-político pelo qual passava (ainda passa) o país. No ano de 2017, fatos desconcertantes compuseram o cenário brasileiro: bombas de gás lacrimogêneo e cassetetes nas manifestações contra o golpe; delações premiadas e propinas, envolvendo, principalmente, aqueles que orquestraram o golpe; o fim de direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras através da reforma trabalhista. É aí que a AD se transforma em uma prática científica bélica, ou melhor, como dizia o próprio Pêcheux, em uma *arma científica*.

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras, Professora na Universidade Federal de Pelotas.

E-mail: [lucianavinhas@gmail.com](mailto:lucianavinhas@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Letras, Professora na Universidade Federal de Pelotas.

E-mail: [janabrum.uab@gmail.com](mailto:janabrum.uab@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Letras, Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Riograndense.

E-mail: [tina.zanella@gmail.com](mailto:tina.zanella@gmail.com).

O primeiro texto que compõe a presente edição traz uma reflexão necessária quanto ao momento político brasileiro. Considerando que a ideologia e o inconsciente se colocam como determinantes dos gestos de interpretação do analista, Aracy Ernst, com o texto “Cinismo e ato falho no discurso político-midiático”, conduz uma reflexão calcada na natureza política da Análise de Discurso. Para a autora, a falsificação da palavra, através do cinismo, revela-se no ato falho, e ela desenvolve esse pressuposto a partir de recortes oriundos do discurso midiático, a partir dos quais se percebem atos falhos que fazem trabalhar a verdade do inconsciente, emergindo como o desejo advindo da classe dominante, o qual encontra porta-voz na mídia.

Carolina Fernandes propõe um debate acerca de como a Análise de Discurso pode contribuir para o ensino e, também, acerca da dificuldade de se ensinar a teoria. No texto intitulado “Os desafios de ensinar a Análise do Discurso e de se ensinar com a Análise do Discurso”, a autora parte do pressuposto de que a relação entre o aporte teórico e a prática de ensino se dá de forma equívoca, incompleta e descontínua, ao invés de se constituir como uma plena reciprocidade. Para isso, é desenvolvida a análise de um capítulo de um livro didático que se ancora na perspectiva teórica da Análise de Discurso; a autora também coloca a importância de o aluno colocar-se como sujeito-de-saber no espaço escolar, promovendo a instauração da autoria.

O texto de autoria de Clóris Maria Freire Dorow, intitulado “A voz do aluno – um dizer que emerge do silenciamento, da opressão”, traz uma reflexão sobre um movimento de resistência ocorrido em escolas brasileiras quanto à decisão do Governo Temer de realizar uma reforma do Ensino Médio sem a consulta devida à população, especialmente aos professores e aos alunos da Educação Básica. A análise considera como corpus uma entrevista realizada com um aluno do movimento Ocupa, cujo objetivo era ocupar escolas a fim de questionar as medidas governamentais. Elementos vinculados à voz são considerados no processo de descrição e interpretação das sequências discursivas de referência selecionadas. A autora considera a contradição no processo de análise, sendo a voz importante para se pensar sobre o não-dito.

Com o texto “Ousar (re)existir: roupa do litígio”, Elizabeth Fontoura Dornelles provoca uma discussão em torno da noção de dispositivo, trazendo um aprofundamento acerca de elementos da teorização de Michel Foucault e de Giorgio Agamben em torno do tema. A partir da análise de fato ocorrido na Câmara dos Vereadores de Porto Alegre, a autora reflete sobre a prática de disputa de lugar discursivo, considerando a roupa vestida por uma das vereadoras que toma a palavra na sessão da Câmara. A roupa, ao mesmo tempo em que convoca distintos dispositivos de poder, organiza a contraposição, a resistência. O pensamento de Michel Pêcheux é trazido para a compreensão da resistência no funcionamento das posições-sujeito na formação social capitalista.

Sob o título “Violência e política no Brasil: um olhar sobre o discurso intolerante na mídia digital”, Janaina Brum apresenta um significativo aparato teórico para abordar o discurso de ódio político em circulação, materializando em seu texto uma fonte de

referências e conceitos. A partir do recorte no campo discursivo midiático, e trabalhando a teoria discursiva com atenção dedicada à psicanálise, a autora apresenta uma análise de como os sentidos se movimentam nas formações discursivas que marcam a intolerância, a partir das relações simbólicas com o Outro. Apresenta uma certa economia de equivalência entre luta de classes e assujeitamento e desejo e sadomasoquismo no funcionamento da ideologia pelo cinismo e pelo ódio.

Luciana Iost Vinhas volta a sua tese de doutorado e aprofunda a noção de corpolingüagem para pensar a resistência no discurso. O texto “Discurso, corpo e linguagem na constituição subjetiva” toca uma questão relevante para os estudos da linguagem: ele põe em relevo a relação entre materialismo histórico e psicanálise. Para articular como pode se dar essa relação, a autora retoma a base teórica da Análise de Discurso para fazer trabalhar sujeito, inconsciente, ideologia e “racha” através da reflexão sobre o corpo. A noção de corpolingüagem articula o sujeito da história, do corpo e do discurso com uma subjetividade constituída através do sintoma e do desejo.

É com o título “Os desafios de um analista do discurso: um processo sem início nem fim” que Maria Cristina Leandro Ferreira profere a conferência de encerramento do evento e materializa este texto. Dirigindo-se aos jovens analistas e interessados pela Análise de Discurso, ela discorre sobre a origem, os embaraços e a atualidade deste campo de investigação que se desenvolve fortemente no âmbito acadêmico brasileiro como vórtice de resistência. A autora faz retornar a importante história política da AD, o emaranhado conceitual que não é fechado a outros conceitos, e apresenta as intempéries atravessadas pelo analista de discurso ao se deparar com a opacidade da língua.

No artigo “Arquiteturas discursivas na moldura do espaço: sobre o corpoarte no onde do bronze e do aço”, Maria Thereza Veloso analisa duas esculturas: “Estátua do Amor”, também conhecida como “Homem e Mulher”, da escultora georgiana Tamara Kvsitadze; e “A sobrevivência do mais gordo”, conhecida também por “O peso da justiça”, do dinamarquês Jens Galschiot. Para a autora, as esculturas, entendidas duplamente nas perspectivas do discurso e da arte, tomam o corpo como espaço significante. Para empreender sua análise, Veloso utiliza a noção de pós-humano, espaço para além do humano. A autora concebe a arte como lugar de inscrição de memórias discursivas que, materializadas nas esculturas, transformam-se em espaço de memória coletiva. Nesse sentido, a significação em torno do corpo, que é, ao mesmo tempo, biológico e cultural, na concepção de Veloso, recria-se permanentemente, já que as esculturas, como obras de arte, são ensejadas pelo desejo do sujeito, ser de linguagem sempre em busca de (res)significar-se e de (res)significar o outro.

No artigo intitulado “Meu partido é o Rio Grande? Pontuação e ensino pelos caminhos da Análise do Discurso”, Marilei R. Grantham analisa o enunciado “Meu partido é o Rio Grande?”, tal como figura na campanha de José Ivo Sartori (PMDB) para o governo do estado do Rio Grande do Sul em 2014 e em um artigo (2015) do deputado petista Jeferson Fernandes. A autora analisa a pontuação nessas formulações, caracterizando-a como uma

presença-ausência que produz sentidos sem palavras. A partir da noção de repetição, a autora considera o enunciado-título em análise, o qual toma a forma da interrogação, como um gesto de leitura do enunciado afirmativo utilizado pela campanha do PMDB, formulação que apaga seu pertencimento a um partido, ao mesmo tempo em que desqualifica os candidatos que se mostram partidários. A interrogação aponta para um espaço de silêncio, repleto de sentidos advindos do interdiscurso. Esse espaço de não dito marca uma divisão entre duas FD, a FD1 (de direita), à qual se filia o discurso da campanha de Sartori, e a FD2 (de esquerda), à qual se filia Jeferson Fernandes, deputado pelo Partido dos Trabalhadores.

No artigo “Sujeito, Discurso e Identidade de Gênero: o Olhar como Gesto de Resistência na Análise de Discurso”, Mônica Ferreira Cassana reflete sobre o olhar a transexualidade e o olhar para a transexualidade no discurso midiático. A partir dos conceitos de sujeito e ideologia, tal como desenvolvidos por Michel Pêcheux, a autora analisa duas peças publicitárias, veiculadas em redes sociais em 2016 e 2017, a propósito do Dia Internacional da Mulher. A primeira peça publicitária apresenta uma mulher transexual em um banheiro público, com a inscrição “Pirataria é crime”, o que funciona como se a identificação de gênero dos sujeitos só pudesse corresponder ao sexo biológico. A segunda peça publicitária, denominada “Toda mulher vale muito”, por sua vez, mostra uma modelo transexual arrumando-se em frente a um espelho. A autora analisa as duas sequências sob o aspecto do olhar. Cassana conclui que ambas as peças publicitárias constroem o corpo como produto a ser consumido e, dessa forma, alinham-se ao discurso dominante.

O texto de Pedro de Souza, intitulado “O efeito de presença que se produz na e pela voz”, foi o tema da conferência de entremeio. O autor, a partir da análise do documentário “Cauby – começaria tudo outra vez” (2013), apresenta um estudo acerca de como os traços sonoros de uma voz produz o efeito de presença do sujeito cantante. Compreendendo o documentário como uma narrativa cinebiográfica e como um espaço enunciativo que funciona como dispositivo pela imagem, som e fala, Souza trabalha a voz como objeto simbólico no processo de subjetivação. E, a partir da observação de séries enunciativas da narrativa híbrida e das mudanças discursivas da voz do sujeito ao longo da vida, ele analisa o movimento da voz na “fronteira entre o cantar e o falar”.

No artigo intitulado “O processo de construção identitária na escola”, Rosely Diniz da Silva Machado trabalha com dizeres de alunos sobre a forma como se autorrepresentam enquanto sujeitos afrodescendentes. A autora, na análise que desenvolve, organiza sua reflexão em torno da noção de formação imaginária, conforme proposta por Michel Pêcheux. Apesar de a escola ser compreendida como um espaço de reprodução de saberes dominantes na formação social atual, a autora lança a possibilidade de subversão dessa reprodução, considerando esse ambiente como espaço fértil para se promover o pensamento crítico.

No ensaio “Silêncio na Pinacoteca: estudo para Libertação dos Escravos no campo dos discursos”, Walker Douglas Pincerati analisa a pintura “Libertação dos Escravos”, de Pedro Américo. Para tanto, parte da noção de silêncio. Enfocando os corpos negros presentes na

obra, o autor percebe que a legenda da obra em uma exposição na Pinacoteca do Estado de São Paulo não referia a oposição “branco.negro”, que tampouco era mencionada no catálogo. Esse silêncio, para Pincerati, articula-se à noção de resistência, em Freud, resistência da necessidade de não dizer, de não dizer os corpos negros, já que a história contada a partir da pintura é a história do ato real que instituiu a Lei Áurea. No material da exposição, produz-se, segundo a análise empreendida, uma exaltação do ato imperial, ao mesmo tempo em que se opera um silenciamento da luta negra, manifesta na evidência da oposição de cores dos corpos. Apoiado em Lewis Gordon e Kabengele Munanga, o autor afirma que a ideologia que ignora a cor acaba por dar suporte e apoiar o racismo.

Finalizando, agradecemos às autoras e aos autores que aqui trazem reflexões importantes para o cenário brasileiro atual. Ao invés de trazer esclarecimentos sobre as disputas semânticas que se materializam na atualidade, nosso interesse é de lançar questionamentos, dúvidas, inquietações sobre os processos de cunho ideológico que determinam as subjetividades e as interpretações. É por isso que a presente edição se mostra necessária no contexto sócio-histórico-ideológico no qual nos situamos. Fazemos, então, o convite para que sigamos na resistência - científica e política.